

# Editorial

## 1968: o ano que abalou o mundo

Em 2008 realizaram-se no Brasil e no mundo inúmeras iniciativas acadêmicas destinadas a registrar o transcurso dos quarenta anos de 1968, abordando os múltiplos aspectos desse momento singular do século XX. Naquelas iniciativas, como na grande mídia e na editoria, enfatizaram-se sobretudo as transformações culturais e comportamentais nascidas ou aceleradas durante aquela conjuntura mundial – o feminismo, a revolução sexual, a criatividade artística, os direitos civis e das minorias, etc. Em geral, 1968 foi apresentado como um momento singular, mas vencido e superado, para sempre, pela marcha inexorável dos quatro decênios sucessivos.

De segunda-feira, 26, a sexta-feira, 30 de maio de 2008, o Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo (PPGH/UPF) realizou o ciclo de debates “Maio de 1968: o Brasil e o mundo”, sob a coordenação dos historiadores Ana Luiza Setti Reckziegel e Mário Maestri, com

em torno a trezentos participantes. Palestraram no evento os doutores em História Eduardo Svartman (PPGH/UPF), Mário Maestri (PPGH/UPF), Enrique Serra Padrós (PPGH/UFRGS) e os doutores em Letras Miguel Rettenmaier (PPGL/UPF) e Roberto Ponge (UFRGS). Mediaram as discussões os historiadores Ana Luiza Setti Reckziegel, Adelar Heisnfeld, Haroldo Loguércio Carvalho, todos docentes do PPGH da UPF.

O evento “Maio de 1968: o Brasil e o mundo” priorizou – como assinalava sua convocatória – a apresentação e a discussão da “conjuntura política, social e econômica nacional e mundial, vivida pelo Brasil e por grande parte do mundo, nos anos 1960”, que teve seu “ápice”, sem se limitar e se esgotar, naquele momento histórico singular. Sobretudo, 1968 foi lembrado como momento referencial, de “fundamental importância para a história contemporânea, com permanências e reflexos que se sentem, ainda muito fortes,

atualmente”. Sobretudo, foi discutido como uma situação candentemente em aberto, devido a sua inconclusão.

Na abordagem dos acontecimentos que agitaram naquele então o Brasil, a França, a China e a América Latina, espaços de análise dos palestrantes, retomou-se um filão interpretativo já quase abandonado, após o refluxo e derrota do enorme impulso social com epicentro naquele ano referencial, duas décadas mais tarde, com a vitória mundial da maré neoliberal de 1989, ou seja, os expositores comungaram principalmente na compreensão de 1968 como momento de impulsão de conjuntura revolucionária de amplidão e profundidade mundial próxima, talvez, apenas à conhecida pela humanidade em 1917, quando da Revolução Russa.

Com o objetivo de registrar as reflexões apresentadas durante o evento, propôs-se, desde o início da sua organização, acolher em número temático da revista *História: Debates e Tendências*, dedicado às jornadas de 1968, as intervenções, ampliadas, dos palestrantes, às quais foram incorporados textos sobre os fatos na Argentina, com ênfase nas jornadas de Córdoba, em 1969, de autoria dos historiadores argentinos José Becerra e Diego Buffa; sobre as lutas e o massacre da praça das Três Culturas, no México, em 1968; do sociólogo Rodolfo Bórquez Bustos, chileno,

professor da Universidad Autónoma de Guerrero; do jornalista italiano Achille Lollo, há muito radicado no Brasil, sobre as lutas estudantis e operárias na Itália.

Há forte diversidade no que se refere à nacionalidade e à geração dos presentes autores. Temos brasileiros, argentinos, chileno, francês e italiano. Os mais veteranos, ainda estudantes, em 1968 e nos anos imediatamente seguintes, enfrentaram as forças policiais nas ruas de Paris, de Roma, de Porto Alegre, de Santiago, com uma consciência muito limitada dos momentos históricos que viviam. Os mais jovens há pouco ou sequer haviam nascido quando o *Quartier Latin* se inflamou, Córdoba explodiu, o norte da Itália conheceu o Outono Quente, o Brasil incendiou-se com a morte do secundarista Édison Luís de Lima Souto! Porém, um fio vermelho transpassa e unifica em geral todos os artigos na diversidade de suas interpretações: a defesa de 1968, de sua memória, de seu programa, de seu caráter histórico referencial, como um ano que se nega a esgotar-se, pois espera e necessita candentemente realizar-se.

Ainda neste número, a revista contempla artigos de temática diversa que se constituem numa significativa colaboração. O artigo de Ademar Firmino dos Santos, “A imagem e suas representações no ensino de história”,

aborda a imagem, sua forma de produção e intencionalidade na perspectiva de que o documento imagético constitui uma fonte documental.

Daniel de Mendonça, em “Revisitando (criticamente) as leituras do golpe”, discute a historiografia sobre o período 1964, analisa as obras de Alfred Stepan, René Dreifuss, Argelina Figueiredo e Wanderley Guilherme dos Santos e sugere alguns elementos que fundamentam uma nova possibilidade de compreensão do movimento de 1964.

Tiago Bonato aborda uma questão histórica a partir da fonte literária em “O sertão, *Os sertões*: a construção da região Nordeste do Brasil a partir da interface entre história e literatura”, discutindo como as narrativas ficcionais podem trazer à tona o problema da realidade histórica, questionando nos relatos a fidelidade à região observada, o Nordeste.

Em “O círculo e a flecha: representações do tempo no desenvolvimento da música”, Gerson Luís Trombetta analisa como as expressões artístico-musicais articulam-se dialeticamente com o desenvolvimento do pensamento humano e constituem um meio para esclarecer como cada época histórica produz suas referências de sentido.

E, por fim, Diogo da Silva Roiz e Marcos Scherwisnki, no artigo “O leitor pergunta’: o jornal *Mensageiro Luterano* e o ideal missionário da Igreja Evangélica Luterana do Brasil entre 1980 e 1989”, fazem uma análise das principais dificuldades que a Igreja Evangélica Luterana do Brasil enfrentou no decorrer do século XX no tocante à formação de pastores e como o periódico evangélico contribuiu para minimizar esta situação.

Ana Luiza Setti Reckziegel  
e Mário Maestri